

## IMPERIALISMO, PÓS-COLONIALISMO E A “COLONIZAÇÃO DE INTENÇÃO” HODIERNA

Marcos Delson da Silveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo, fundamentado em pesquisas bibliográficas, parte da hipótese de que o imperialismo é um movimento ainda presente na sociedade contemporânea. Para fundamentar o pressuposto, tem como objetivo discorrer sobre o Imperialismo do século XIX para adentar na percepção pós-colonial. Conclui afirmando a existência da “colonização de intenção” no mundo hodierno liderada pelos Estados Unidos, pelos países europeus, pela Rússia e pela China. Ficará perceptível na conclusão que esses países lutam pelo poder simbólico.

**Palavras-Chave:** Imperialismo. Pós-colonial. Colonização de Intenção. Poder Simbólico.

### ABSTRACT

This article, based on bibliographic research, starts from the hypothesis that imperialism is a movement still present in contemporary society. To support the assumption, it aims to discuss the 19th century Imperialism to add to the post-colonial perception. He concludes by stating the existence of “colonization of intention” in the modern world led by the United States, European countries, Russia and China. It will be noticeable in the conclusion that these countries are fighting for symbolic power.

**Keywords:** Imperialism. Post-colonial. Colonization of Intention. Symbolic Power.

### INTRODUÇÃO

Esse artigo, a princípio, faz um sucinto sobrevoo sobre a percepção imagética divulgada pelos defensores do que se acostumou chamar de Imperialismo, iniciado no século XIX, para “aterrissar” no pós-guerra e, em específico, nas discussões pós-coloniais que buscavam descortinar as formas de dominação utilizadas pelos dominadores que, semelhante a uma estratégia de guerra, camuflava a dominação com o auxílio de um “véu de bons desejos” conhecidos como “missão civilizadora”. Na prática, os dominadores, imbuídos numa perspectiva etnocêntrica, fundamentaram

<sup>1</sup> Professor de Filosofia na Rede Pública Estadual de Goiás. Mestrando em História pela PUC-GO. [cienciashumanasinfoco@gmail.com](mailto:cienciashumanasinfoco@gmail.com)

ideologicamente a colonização de vários países ceifando histórias, culturas e vidas. A “cultura civilizada,” europeia e norte-americana, tinha como missão “nobre” levar a “civilização” aos países de cultura “inferior”. Os resultados dessa missão “nobre” estão nos livros de História e na pobreza e incerteza dos povos dominados.

Posteriormente, interpretou-se livremente o movimento pós-colonial como um movimento em busca de uma identidade cultural para os povos dominados. Embora não corresponda ao contexto histórico do pós-guerra, interpretou-se o movimento antropofágico no Brasil como um movimento artístico pós-colonial, enquanto almejava “deglutir” a cultura europeia (a visão europeia sobre o povo e os costumes desses povos – no caso o Brasil) para compor uma cultura genuinamente brasileira (com a participação e interpretação dos dominados), não no sentido essencialista de identidade, mas de uma forma mais abrangente e histórica.

Por fim, elaboramos o termo “colonização de intenção” para retratar uma nova forma de dominação territorial e política que se observa nos últimos acontecimentos desse início de século (XXI). Essa forma de dominação é fragmentada e regionalizada, o que a diferencia de outras formas de dominação que eram generalizadas e globalizadas. Porém, assim como as formas anteriores, está floreada de bons propósitos, sejam ambientais, militares, políticos etc. A estratégia desses países é fazer a opinião pública acreditar que é preciso fazer o que eles julgam ser preciso fazer, pois se isso não ocorre, se a opinião pública não aceitar as intervenções, outros países economicamente ativos poderão cerceá-los politicamente e economicamente e, no mundo globalizado, um bloqueio econômico é sinônimo de sérios problemas internos e externos que nenhum líder mundial espera sofrer. Este trabalho é fruto de reflexões de três textos lidos e resumidos para a disciplina *História e estudos culturais* do curso de pós-graduação *stricto sensu* em História de uma Universidade em Goiás sob a direção da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Thaís Alves Marinho<sup>2</sup>, o que configura este artigo como sendo de pesquisa bibliográfica.

## 1 IMPERIALISMO

---

<sup>2</sup> Meus sinceros agradecimentos.

Embora pareça obvio afirmar a necessidade de respeito às múltiplas linguagens culturais dos povos que compõe as sociedades inseridas neste Planeta, em outras épocas não foi bem assim. No sec. XIX, por exemplo, o Imperialismo<sup>3</sup>, tanto europeu como norte americano, usou de estratégias políticas, culturais, artísticas e militares para sufocar a identidade cultural dos povos que compunham os países que se tornaram colônias. A política imperialista sob a égide da mentira ideológica sustentava a premissa de que os europeus tinham por missão melhorar as condições de existência dos povos não civilizados. Afirmavam, sob uma capa de altruísmo, que as nações industrializadas e, portanto, “civilizadas” - os europeus e os povos da América do norte - deveriam conduzir as nações “silvícolas” à civilização. Em nome da “missão civilizadora,” os povos que compunham a “cultura civilizada,” a única digna de se apreender - ou estar submisso - mataram, esquartejaram, roubaram, torturaram, mutilaram, escravizaram destruindo povos e todo um acervo cultural que os acompanhava. Para os colonizadores, devido à inferioridade de uma cultura para com a outra, era lícito escalonar as culturas dentro de padrões estabelecidos por meio de comparações e juízos de valor, assim criando uma hierarquia que os favorecia.

A visão etnocêntrica imperialista foi transmitida de inúmeras formas. Na arte temos com um dos exemplos a figura de Tarzan. Após o naufrágio do Navio onde estavam os pais, aristocratas, Tarzan é criado por macacos na África (Veja: ele é criado por macacos). Com valores nobres, incapaz de praticar qualquer forma de violência (Perspectiva de superioridade moral sobre os macacos africanos), Tarzan aprendeu a ler sozinho ao encontrar um livro em uma cabana. O humano e nobre Tarzan era “civilizado” e superior aos “macacos” africanos (AUGUSTO, 2014). O imaginário sob essa história é imperialista (e racista) e buscava justificar a dominação sobre os países colonizados. Tarzan (Europa) fazia muitíssimo bem a África (Silvícolas). Como Tarzan era civilizado (europeu) e os africanos não (selvagens), torna-se uma nobre tarefa levar a cultura europeia a esses povos inferiores tornando-os melhores e, portanto, aniquilando as diferenças. Perceba que “torná-los melhor” equivale no jogo imaginário educá-los conforme os padrões europeus, isto é,

<sup>3</sup> “Política de expansão e domínio territorial ou econômico de uma nação sobre outra” MACHADO, AMORIM, 2014, P. 130)

convertê-los aos modelos comportamentais europeus. Porém, não era isso o que acontecia.

Outro exemplo de influência da arte na transmissão da percepção imperialista dos países dominadores foi certos filmes produzidos por *Hollywood* que “ditavam” padrões de comportamentos, de beleza, de consumo e, diretamente, influenciou a cultura dos povos por meio de opiniões, afetividade etc. Esses filmes convenciam que a realidade que demonstravam era valorativamente superior que a realidade dos locais colonizados, permitindo a abertura de portas para “imposição” de conteúdos ideológicos vinculados a elementos imateriais. Essa característica “silenciosa” (no sentido de sem armas) do Cinema oportunizava a imposição Norte Americana de sua cultura sobre os países que sofriam dessa dominação ideológica (JÚNIOR, 2015). Mudando a forma das pessoas pensarem determinados acontecimentos e idealizando um “jeito americano de viver:” A propaganda enaltecia: “O melhor padrão de vida do mundo. Não há jeito melhor que o jeito americano<sup>4</sup>”. Isto é, qualquer modelo de comportamento fora do modelo americano deveria ser repensado. Todos deveriam ter “o melhor padrão do mundo”, e os filmes impunham esse padrão gerando nas pessoas necessidades que antes não faziam sentidos: principalmente necessidades de consumo.

A pretensão era de que a América fosse dos Americanos (dos Norte-Americanos) como afirmava a doutrina Monroe de 1823 (Sec. XIX). Ainda hoje quando as pessoas se referem aos americanos, referem-se aos estadunidenses. Esse é um ranço linguístico do século XIX que traz a força de um discurso que se impôs de forma insigne sobre todos os americanos avisando-os: “você nos pertence!”. O sentimento de pertença eclodiu de várias formas nos séculos XIX e XX, só para citar algumas, teve-se a Guerra Hispano-Americana em 1898 entre os Estados Unidos e a Espanha para defender o povo cubano da colonização espanhola<sup>5</sup>; o anexo do Havaí em 1859; participação dos Estados Unidos na Independência do Panamá e a posterior continuidade da construção do Canal do Panamá, entre outros acontecimentos de porte mundial como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria (SANTIGAO, 2017).

<sup>4</sup> Propaganda. Disponível em: <[Contemporaneodahistoria.blogspot.com.br/2014/08/a-crise-mundial-de-1929-e-suas.htm/?m=1](http://Contemporaneodahistoria.blogspot.com.br/2014/08/a-crise-mundial-de-1929-e-suas.htm/?m=1)> Acessado em: 27 de Out. 2018

<sup>5</sup> Terminou com a vitória Norte-americana que assumiu o controle de Cuba, Filipinas e Porto Rico. Sendo que Cuba ganhou a sua independência em 1902 e as Filipinas após a Segunda Guerra Mundial em 1946, Porto Rico é um Estado associado aos Estados Unidos ainda hoje.

## 2 PÓS-COLONIALISMO

Foi com os acontecimentos oriundos do fim da Segunda Guerra Mundial que os países colonizados buscaram formas de desvencilhar-se das correntes ideológicas dando ensejo a um movimento de pensamento denominado de pós-colonial. No Texto Do Pós-Colonial à decolonialidade, Larissa Rosevics (2014) aponta que as reflexões teóricas denominadas pós-colonialismo surgem no pós-guerra, no contexto de descolonização europeia sobre os países africanos, asiáticos e no fortalecimento dos Estados Unidos da América do Norte. Corroborando essa ideia, no texto Decolonialidade e Perspectiva Negra, Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016, p. 15) afirmam “que o pós-colonialismo como termo originou-se nas discussões sobre a decolonização de colônias africanas e asiáticas depois da Segunda Guerra Mundial” e embora produzido por intelectuais do Terceiro mundo, tem como língua mãe o inglês, pelo fato desses intelectuais estarem radicados nos departamentos de estudos culturais ingleses e, posteriormente, norte americanos. “O projeto pós-colonial é aquele que, ao identificar a relação antagônica entre colonizador e colonizado, busca denunciar as diferentes formas de dominação e opressão dos povos (DIROSEVICS, 2014, p. 187)”. Os estudos pós-coloniais seguem “a trajetória dos estudos literários e culturais, através da crítica a modernidade eurocentrada, da análise da construção discursiva e representacional consequências independência” (DIROSEVICS, 2014, p. 188). Nos anos de 1970 e 1980, a base do discurso vinculado aos estudos pós-coloniais era a relação colonizado/colonizador na perspectiva da construção do colonizado tendo como referência o discurso do colonizador. Segundo Costa (2006, p. 177), “a perspectiva pós-colonial teve, primeiro na crítica literária, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir dos anos de 1980, suas áreas pioneiras de difusão.”

No texto Desprovincializando a Sociologia: a Contribuição Pós-Colonial, Sérgio Costa (2006, p. 177) afirma que os estudos pós-coloniais não possuem uma matriz única: “Trata-se de uma variedade de contribuições distintas [...] como esforço de esboçar [...] uma referência epistemológica crítica a concepções dominantes de

modernidade<sup>6</sup>.” A abordagem pós-colonial parte do pressuposto de que o conhecimento produzido reproduzia a lógica da dominação e do dominado. Ainda, segundo Costa (2006, p.118) a primeira influência do pós-colonialismo é o pós-estruturalismo e, sobretudo, os trabalhos de Derrida e Foucault [...] onde os trabalhos pós-coloniais aprenderam a perceber o caráter discursivo do social; A outra influência aos estudos pós-coloniais são os estudos pós-modernos, com a descentralização dos sujeitos e das narrativas contemporâneas; e, por último, a alusão aos estudos culturais realizados na Inglaterra, principalmente no Birmingham *University's Centre for Contemporary Studies* e pelo pesquisador Stuart Hall.

Entretanto, a crítica que se faz a esses primeiros estudos centra-se nessas premissas listadas por Costa. No ano de 1990 foi fundado nos EUA o grupo Latino Americano de Estudos Subalternos. A desagregação desse grupo deu-se porque eles viviam nos EUA e utilizavam de literatura Europeia para tecer seus escritos, o que foi visto como traição ao propósito principal de desvinculação aos ideais europeus. É nesse contexto que surge a crítica colonial com o propósito de “decolonizar a epistemologia latino-americana e os seus cânones [...]” E para isso era “preciso decolonizar não apenas os estudos subalternos como também os pós-coloniais (DIROSEVICS, 2014, p.189). Fugindo da influência inglesa e europeia, os decoloniais centravam-se numa posição de rejeição a todos os moldes de dominação em um dialogo interdisciplinar com a economia, a política e a cultura. O que diferencia os estudos latino-americanos dos estudos africanos e asiáticos é o modelo de colonização que sofreram. Algumas culturas asiáticas, pelo modelo exercido pelo dominador, conseguiram reviver traços de sua cultura original e apontá-los no debate. Na América Latina, os traços que poderiam conduzir a uma reflexão pautada nos valores raízes dos nativos foram totalmente apagados, já os traços da cultura eurocêntrica não serão facilmente apagados, pois estão profundamente arraigados. Por isso Grosfoguel (*apud* DIROSEVICS, 2014, p.189) “aponta para o caminho do pensamento crítico de fronteira, capaz de trazer respostas epistemológicas do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade” visando “a superação das relações de opressão, exploração e pobreza, perpetuadas nas relações de poder internacionais”.

<sup>6</sup> “A perspectiva pós-colonial teve, primeiro na crítica literária, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir dos anos de 1980, suas áreas pioneiras de difusão” (COSTA 2006; p. 117).

### 3 PÓS-COLONIALISMO À BRASILEIRA: O MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO NO BRASIL

57

Entendo esse movimento pós-colonial como válido por se tratar de uma luta pela identidade cultural desses povos (Neo) colonizados. Segundo Barbosa (2017, p. 01)

somente no século vinte, os movimentos de descolonização e de liberação criaram a possibilidade política para que os povos que tinham sido dominados reconhecessem sua própria cultura e seus próprios valores (...). A busca de identidade cultural passou a ser um dos objetivos dos países recém-independentes, cuja cultura tinha sido até então, institucionalmente definida pelos poderes centrais e cuja história foi escrita pelos colonizadores.

Assim, entendo o movimento antropofágico no Brasil como uma tentativa de reação à dependência cultural nacional. Buscava-se na arte de “deglutir” reinterpretar a lógica do colonizador. Tarsila do Amaral presenteou o cônjuge Oswald de Andrade com a obra *Abaporu* que é utilizada para dar início ao movimento antropofágico de arte no Brasil.

Oswald de Andrade publicou o Manifesto Antropofágico com o auxílio da Revista antropofágica e o clube antropofágico. Segundo Torres (2010), “o texto fragmentado, cheio de frases de impacto, reelabora o conceito eurocêntrico e negativo de antropofagia como metáfora de um processo crítico de formação da cultura brasileira”. A “deglutição” da cultura europeia daria ao brasileiro, em contato com sua história, uma cultura genuinamente nacional: “nossa índole canibal permitiria, na esfera da cultura (...) a apropriação crítica das ideias e modelos europeus (...) sem cair na antiga relação modelo/cópia.” O cuidado do movimento antropofágico era em apontar a voz do colonizado e realçar uma identidade cultural genuinamente brasileira partindo de um aspecto histórico: o canibalismo.

Essa busca de uma identidade nacional não está centrada numa visão essencialistas ou iluminista. Hoje, mundo globalizado e os vários acessos “*inter*”, relativizou, em grande proporção, a possibilidade de uma visão unilateral, fechada, absoluta de uma cultura. Segundo Stuart Hall (2006), no livro *A Identidade Cultural na*

Pós-Modernidade, a globalização tem forte impacto nas identidades culturais, sendo um eixo de mudanças o que diferencia as identidades na pós-modernidade de identidades centradas na tradição. Para esse autor, existem três concepções de identidades: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O primeiro tem um “eu” unificado, um indivíduo centrado, racional; a segunda tem a identidade formada em uma “interação” entre o “eu” e a “sociedade”; e, por último, a terceira está composta de várias identidades, algumas contraditórias e não resolvidas. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. “A identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas” (BARBOSA, 2017, p. 01).

#### 4 “DOMINAÇÃO DE INTENÇÃO”

Dito todo esse exposto, sustento a existência de uma forma clara de dominação: a “dominação por intenção”. Os países europeus, os Estados Unidos, a Rússia e a China demonstram por meio de ações políticas o “desejo” controlável (até o momento em partes) de expandir-se economicamente e territorialmente. A colonização não é um projeto dos séculos passados, é projeto presente. No mês de Agosto de 2019, o Presidente francês Emmanuel Macron comentando alguns incêndios na Floresta Amazônica deixou livre para quem quiser interpretar que o Brasil é visto como uma colônia aberta à imposição política europeia. Os recentes casos relacionados à soberania política envolvendo a Venezuela e a Coreia do Norte. No caso da Venezuela, a presença forte da Rússia por meio de aviões e envio de militares em território Venezuelano, no entrelaçamento de discursos duros Norte-americanos e a não aceitação de Nicolás Maduro como Presidente venezuelano em prol à Juan Guaidó; No caso da Coreia do Norte, novamente o choque ideológico entre Estado Unidos, China e Rússia. Os Estados Unidos e os países europeus recheados de armas nucleares predizendo uma possível invasão naquela península caso Kin Jong-um não parasse com os testes nucleares; as Ilhas artificiais construídas pelos



chineses no mar do Sul da China para expandir o território chinês em um mar rico em Petróleo e gás-natural, onde passa 1/3 (um terço) do tráfico marítimo internacional; A China é o segundo país do mundo que mais investe em forças armadas, cerca de 250 bilhões de dólares no ano de 2018 ficando atrás somente dos Estados Unidos da América do Norte; a anexação da Península da Crimeia pelos russos etc. Esses são exemplos claros e escancarados de que os colonizadores ainda querem colonizar. Se nas Américas os valores europeus estão arraigados em nossa cultura, imagine na Europa como esses valores ainda são fortes?

Percebe-se pelos recentes acontecimentos que existe uma “colonização de intenção” que, vagarosamente, deixa de ser “intenção”. Essa “colonização de intenção” só não vira ação generalizada porque esses países que praticam essa forma de colonização, por enquanto, sentem receio de medidas econômicas e políticas de outros países espalhados pelo mundo. O discurso pós-colonial, nesse sentido, não é “pós”, somente mudou a forma de “colonização” e expansão ideológica e militar, de generalizada passou-se a fragmentada, localizada e, como sempre, justificada politicamente, seja por um “bom propósito” ambiental ou mesmo expansão territorial vinculado, novamente, a força militar.

## CONCLUSÃO

Os conceitos são espelhos que refletem determinado contexto histórico e, assim como os contextos históricos, sofrem frequentemente alterações. Por isso é preciso pensar outras possibilidades. Pensar outras possibilidades é reinterpretar as possibilidades vigentes dando-lhes outros significados, tecendo novas teias de relações e pensamentos. Nesse sentido, percebe-se que não existe um sujeito amarrado em teias de significados - imóvel -, sem a possibilidade de transformar, mesmo que vagarosamente, os significados e tecer outras teias. Com isso não quero dizer que a verdade absoluta não exista. Certamente existem verdades absolutas, mas essas verdades são insuficientes para interpretar um mundo com sujeitos em transição. Interessante perceber que a própria transição, enquanto movimento

reflexivo dos sujeitos, indicada o perene movimento que conduz a percepção de uma essência bem definida, que é o próprio movimento (como absoluto).

Quero simplesmente dizer que um conceito nunca é o bastante para explicar uma realidade. Pós-estrutural, pós-colonial, pós-moderno [...] são palavras que expressam determinados atos e, portanto, deixam de expressar outros atos. Por isso que os conceitos mudam, porque a realidade muda. Com o conceito de pós-colonial acontece o mesmo. No afã da poeira se abaixando nos fins da Segunda Guerra Mundial, buscava-se explicar teorias emergentes dos países que ganhavam a independência. Obviamente essas teorias buscavam demonstrar aquele momento em que era preciso reescrever a história das ex-colônias.

Pensar o Brasil contemporâneo como pós-colonial não me parece justo, embora ele seja historicamente pós-colonial e sofra consequências desse período. Parece-me mais cabível pensar o país dentro de seu próprio contexto e é dentro do contexto que observamos os reflexos da história. O momento agora é outro, a história continua. Falar de um pós-colonial dentro de um mundo que cada vez mais oprime os países dependentes economicamente é ignorar que ainda somos de certa forma colônias. Só mudou as formas de domínio. Os recentes acontecimentos demonstram que a mentalidade do dominador ainda é de dominar e do dominado é de tentar entrar no jogo para não dar motivos de ser invadido militarmente e dominado politicamente, porque culturalmente já o é. O retrato que assistimos do mundo ainda faz parte do Leviatã hobesiano. Na “alcateia global” está muito bem especificado quem é o lobo de quem. Nesse mundo de rebanhos ainda existem lobos sedentos por domínio, por terras, por riquezas, por comércio. Olhando de perto, percebe-se que mudaram as estratégias de dominação, mas os dominados ainda são os mesmos. O mundo gira em torno de uma “dominação de intenção” que novamente adentra nas ações que permitirão outras reflexões em breve.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Fábio. História Inteligente. Tarzan e o Imperialismo. Texto publicado originalmente em 22/01/2014. Disponível em <<http://historiainte.blogspot.com/2014/01/tarzan-e-o-imperialismo.html>> Acessado em 28 de Set. de 2019

AZEVEDO, Fernando A. G. *Depoimento Provocativo – UFG*. Pós-graduação em Arte Educação Intermediática digital 2017. Disponível em: <[moodle.emac.ufg/mod/resource/view.php?id=5388](http://moodle.emac.ufg/mod/resource/view.php?id=5388)>, Acessado em 08 jun. 2017

BARBOSA, Ana Mae. Arte, *Educação e Cultura*. Pós-graduação em Arte Educação Intermediática digital 2017. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>>, Acessado em 08 Jun. 2017, pg. 01

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida* 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

BERNARDINO-COSTA, Joaz *et. al. Decolonialidade e perspectiva negra in Revista sociedade e Estado – vl. 31, nº 01, jan/abr 2016*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>> Acessado em 29 de Set. 2019, pg. 15

COSTA, Sergio. *Desprovincializando a Sociologia – A contribuição pós-colonial. In Revista Brasileira de Ciências Sociais vol.21, n.60, fevereiro de 2006*

DIROSEVICS, Larissa. *Do pós-colonial à decolonialidade. Diálogos Internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Disponível em: <<http://www.dialogosinternacionais.com.br/2014/11/do-pos-colonial-decolonialidade.html>>, Acessado em: 28 nov. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultura na pós-modernidade – 11ª ed.* Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006

JÚNIOR, G. A. T. *Revista Trama Interdisciplinar/Tema: Imperialismo e cinema: como pensar a dominação aplicada à arte?* São Paulo, v 6, nº 1, p. 92-107, jan/abr, 2015, Disponível em: <[editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/7951](http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/7951)>, Acessado em: 16 Jun. 2017

MACHADO; I. J *et. al. Sociologia Hoje*. São Paulo: Ática, 2014

SANTIGO, Emerson. Imperialismo norte-americano. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/www.infoescola.com/politica/imperialismo-norte-americano/amp/>>, Acesso em 16 Jun. 2017

TORRES, Fernando Lopes. *Revista mensal de difusão cultura*. ISSN 2177 – 4404.  
Disponível em: <[http ps://revistacontemporartes.blogspot.com/2010/06/dois-momentos-da-antropofagia-entre-nos.html?m=1](http://ps://revistacontemporartes.blogspot.com/2010/06/dois-momentos-da-antropofagia-entre-nos.html?m=1)>, Acessado em; 29 Maio de 2018

VICENTINO; C.; DORIGO; G. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2001,  
p. 411